

MEMÓRIA DIGITAL: A CONSTRUÇÃO DA HISTÓRIA COTIDIANA NEGRA E MESTIÇA ATRAVÉS DO YOU TUBE

Wagner DORNELLES, (UFF)¹

Resumo: A consolidação das redes sociais e plataformas digitais adquiriu papel fundamental e se tornou uma das principais formas de divulgação e interação entre grupos antes marginalizados. Um exemplo, foi um vídeo postado no dia 15 de maio, por Ana Paula Xongani. Nele, abordava um tema recorrente que é a solidão da mulher negra, a partir de uma experiência pessoal com a filha de 5 anos. O evento em questão permite o debate de temas relacionados ao uso da tecnologia na construção da memória e suas implicações.

Palavras-chave: Apagamento; Memória; Representação.

Abstract/Resumen: The consolidation of social networks and digital platforms has acquired a fundamental role and has become one of the main forms of dissemination and interaction among previously marginalized groups. An example, was a video posted on May 15, by Ana Paula Xongani. She tackled a recurring theme that is the loneliness of the black woman, from a personal experience with her 5-year-old daughter. The event in question allows the debate of themes related to the use of technology in the construction of memory and its implications.

Keywords/Palabras clave: Erase; Memory; Representation

INTRODUÇÃO

O crescente acesso às plataformas digitais possibilitou o aumento de registros de vivências antes invisibilizadas cotidianamente. A História tinha a incumbência de registrar os momentos de ruptura da sociedade (Heller 2013), mas hoje é possível assegurar a historicidade do cotidiano por meio das novas mídias. Minorias representativas antes renegadas ao olhar distante daqueles que dominavam as esferas de poder, hoje, mesmo que submetidas a uma série de ordenações sociais e tecnológicas², compartilham e criam redes de debate em torno de agendas específicas. Facebook,

¹ Mestrando do PPGCOM/UFF em Mídia, Cultura e Produção de Sentido na Universidade Federal Fluminense (UFF). wsdornelles@gmail.com

² A exemplo dos algoritmos e linguagens específicas de cada plataforma.

Twitter, Instagram e Youtube emergem como ferramentas potentes para a circulação das temáticas. Neste cenário, a plataforma de vídeos emerge como principal interesse deste artigo.

Criado em 2005 e adquirido pelo Google em 2006, o YouTube iniciou suas atividades como uma plataforma de upload de vídeos, mas, principalmente após 2010, se posicionou como uma das principais plataformas da internet. Estima-se que cerca de 1.9 bilhões³ de usuários acessem a plataforma mundialmente todos os meses. No Brasil, há um grande consumo de vídeos no ambiente digital. Winderson Nunes, dono do segundo maior canal do Brasil, ostenta 32 milhões de inscritos. Número superior a nomes globais, como Katy Perry, por exemplo. O número é expressivo, principalmente se levarmos em conta que o canal do humorista mantém conteúdos em português. Uma questão se impõe se analisamos os principais canais do Brasil. No conjunto dos 20 maiores canais do país, não há nenhum voltado para questões negras, mesmo numa região composta por 54%⁴ de negros e mestiços.

De todo modo, há diversos produtores de conteúdos voltados à agenda de raça. O maior deles, Muro Pequeno, mantém uma base de 2 milhões de inscritos. Há outros de menor alcance, mas que apresentam publicações periódicas sobre diversas temáticas que vão desde a análise sobre casos de racismo a tutoriais de maquiagem.

Um destes canais pertence a Ana Paula Xongani. Estilista de moda afro, é formada em design, e sócia-fundadora e estilista da Xongani. Em seu canal – e nas palestras que ministra Brasil afora – fala sobre moda e estilo afro-brasileiro, militância, beleza negra, feminismo negro, empoderamento, autoestima da mulher negra e desafios do empreendedorismo negro no Brasil. Em 2015, sua trajetória foi agraciada com o Prêmio EmpregueAfro, distinção que reconhece a contribuição de empreendedores na valorização da diversidade etnicorracial no Brasil⁵.

³ Informação disponível em : <https://www.youtube.com/intl/pt-BR/yt/about/press/>

⁴ Informação disponível na matéria: Negros representam 54% da população do país, mas são só 17% dos mais ricos. Link: <https://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2015/12/04/negros-representam-54-da-populacao-do-pais-mas-sao-so-17-dos-mais-ricos.htm> acessado em 12/11/2018

⁵ Biografia disponível em <http://xongani.com/elements/pages/about/>

Além do vasto currículo, o canal da Youtuber apresenta cerca de 61 mil inscritos. Como comparação, o número chega a 0.4% do total apresentado por Júlio Cocielo⁶, youtuber que teve uma série de tuítes racistas expostos recentemente. Apesar da discrepância numérica, diversos Youtubers negros apresentam uma atuação constante de ocupação das redes.

No dia 18 de maio de 2018, Xongani publicou um vídeo intitulado “Eu tenho Pressa”. Nele, a youtuber explica o conceito de solidão da mulher negra, usando um evento ocorrido com a própria filha, de 5 anos. O vídeo em questão mantinha, até o dia 26/11/2018, mais de 68 mil visualizações e 11 mil curtidas. Para além dos números, há uma série de fatores a serem interpretados. Entre eles questões ligadas a representatividade e memória. Estas duas temáticas serão os eixos da discussão proposta a seguir. Para auxiliar o debate, utilizaremos os textos de Stuart Hall, Angela Davis, Muniz Sodré, Agnes Heller e Maurice Halbwachs.

Memória e representação

Antes de analisar efetivamente o vídeo que é objeto do artigo, faz-se necessário um apanhado teórico do termo memória coletiva e seus desdobramentos. A expressão surge por meio dos escritos de Maurice Halbwachs e é definida como:

Uma ou mais pessoas juntando suas lembranças conseguem descrever com muita exatidão fatos ou objetos que vimos ao mesmo tempo em que elas, e conseguem até reconstituir toda a sequência de nossos atos e nossas palavras em circunstâncias definidas, sem que nos lembremos de nada de tudo isso (HALBWACHS, 2013, p. 31)

Por esta lógica, a memória coletiva seria a obra de um povo que constitui uma história comum. Este pensamento pode ser complementado por Denis Moraes: “uma coletividade designa a sua identidade; elabora uma certa representação de si; estabelece a distribuição dos papéis e das posições sociais; exprime e impõe crenças comuns” (MORAES,2009,p.29). Um ponto que merece certa atenção é o controle do registro desta memória, já que há uma série de grupos à margem dos relatos Históricos. No caso

⁶ Informação disponível na matéria: Banco Itaú tira do ar anúncio com youtuber que fez comentário racista. Link: <https://www.revistaforum.com.br/banco-itaú-tira-do-ar-anuncio-com-youtuber-que-fez-comentario-racista/> acessada em 12/11/2018

dos negros brasileiros, a escravidão e o racismo estruturado pelo Estado resultaram na representação negra pelo prisma da hostilidade e preceitos racistas.

No Brasil, o resgate da memória da população negra e mestiça impõe-se como um grande desafio. Apesar de toda hostilidade e da associação da miscigenação e da inserção do negro na sociedade como sintoma do aumento da violência, Nina Rodrigues denuncia o apagamento institucionalizado da escravidão no país já no século XIX.

“Demais, bem pouco restará hoje delas. Destruíu-as a preocupação, tão sentimental quanto improficua, da atual geração brasileira, de apagar da nossa história os vestígios da escravidão, fazendo consumir pelo fogo documentos em que se continha aquela verdade histórica a que, a mais de um respeito, nenhum povo se pode furtar, nem é lícito procurar iludir. Se o fogo a que se mandou entregar o arquivo da escravidão não é capaz de cancelar a história impressa dessa instituição, mais impotente há de ser para esgotar o sangue africano que, nas veias do nosso povo, estará a atestar de contínuo, na sua emigração da terra natal, a instituição que a promoveu” (RODRIGUES, 2010, p.29).

A fala tem consonância com o texto de Gilberto Freyre, escrito décadas mais tarde, em que o autor narra a orientação de Rui Barbosa, Ministro do Governo Provisório após a proclamação da República em 1889, que ordenou a destruição de documentos acerca deste dado período histórico. Como consequência, a construção da o registro oficial deste dado período ficou nas mãos de teóricos, que ainda mantinham ideais de valoração e ordenação social europeus, a cargo da ficção ou até mesmo pelos paralelismos passíveis de serem resgatados por meio da diáspora negra (Hall, 2003).

Uma voz internacional que pode servir como contraponto ao cenário brasileiro e auxílio para entendimento do debate racial apresentado no país é a de Angela Davis (2016). Se por um lado, o debate racial do sul dos Estados Unidos apresenta características específicas, a partir de leis de segregação locais, podemos usá-lo como exemplo para determinar a importância da construção de uma memória coletiva. Se no Brasil o processo abolicionista representou o apagamento de documentos relacionados à escravidão, Davis se vale de uma série de depoimentos para remontar as relações entre escravos e senhores no período escravocrata. Por meio da análise documental foi possível para a autora mapear as matrizes do preconceito e associa-la à diáspora negra. Estas informações foram fundamentais para o detalhamento do feminismo negro e do refinamento da agenda deste movimento social.

No Brasil, este é um exercício mais difícil já que há poucos registros em primeira pessoa a partir da perspectiva dos escravos e grande parte da mítica em torno desta temática, como dito anteriormente, está associada a autores hostis à causa negra ou à ficção. Um exemplo que foge à regra é o relato autobiográfico de Baquaqua que foi o:

“(...) primeiro foi escravo de um padeiro em Pernambuco. Depois de tentar tirar sua própria vida ele foi vendido para um capitão de navio no Rio de Janeiro, com o qual viajou ao longo da costa brasileira, principalmente ao Rio Grande do Sul. Durante uma viagem a Nova York em 1847, ele foi capaz de escapar da escravidão, morando posteriormente dois anos no Haiti durante uma época de turbulência política. Sob a proteção da American Baptist Free Mission Society ele voltou para os Estados Unidos da América no final de 1849 para se inscrever no New York Central College ,em McGrawville, onde ele estudou entre 1850-53.⁷

Este apagamento narrativo, reflete, ainda nos dias de hoje, uma cultura dominante com marcas da escravidão e do eurocentrismo que busca renegar toda sua violência institucional, silenciando-a por meio do discurso da Democracia Racial (Freyre, 2009). Neste sentido, podemos recorrer ao texto de Muniz Sodré que, em Claros e Escuros, destaca a relação de valor implicada em cada raça:

“O compromisso racial seria, assim, a racionalização, por parte das camadas dirigentes, de uma realidade miscigenada. Mesmo parecendo acreditar na superioridade branca, as elites nacionais elaboraram um discurso de transigência, o da mestiçagem biológica e cultural, que gerou simultaneamente as ideologias do embranquecimento e da democracia racial” (SODRÉ, 1999,p.103).

Esta concepção esbarra em outro ponto caro às ciências humanas: o conceito de identidade. O termo, presente na obra de Stuart Hall, nos permite investigar a composição da estrutura comunicacional hegemônica e seu papel normatizador. Neste cenário cabe-nos pensar o multiculturalismo, a questão racial e de gênero (subculturas), o discurso comunicativo das mídias televisivas e a hegemonia cultural⁸ (HALL, 2004).

⁷ Informação disponível no site: www.baquaqua.com.br (acessado em 24/04/2018)

⁸ Segundo a teoria de Antonio Gramsci, o exercício da hegemonia é pautado numa dominação ideológica, não inteiramente coercitiva, mas que se perpetua pela aceitação por parte do dominado (GRAMSCI,2001). Ou seja, baseia-se num movimento de criação de consenso.

Além do registro da existência negra, é de suma importância a construção de uma narrativa que descole da valoração associada a uma estrutura com bases racistas, por meio da apresentação das múltiplas identidades negras e mestiças possíveis.

Outro ponto de suma importância se dá no registro e circulação por meio da comunicação, que somada a questões de ordem territorial e identitária pode resultar na supressão do registro das práticas de grupos marginalizados. Jesus Martin Barbero, autor do livro *O Ofício do Cartógrafo*, destaca o potencial hegemônico deste campo na supressão das demandas locais:

“O que estamos tentando pensar é, de um lado, a hegemonia comunicacional do mercado na sociedade: a comunicação convertida no mais eficaz motor do desligamento e inserção das culturas – étnicas, nacionais ou locais – no espaço tempo do mercado e das tecnologias globais. Pois o que o fatalismo tecnológico acaba legitimando é a onipresença mediadora do mercado, e com ela a perversão do sentido das demandas políticas e culturais que encontram um modo de expressão nos meios, ademais da deslegitimação de qualquer questionamento de uma ordem social à qual só a tecnologia e o mercado permitiriam dar-se forma.” (BARBERO, 2004, p.35)

Ao pensar nos grupos negro e pardo brasileiro, há um grande movimento de opressão em várias instâncias. Se em décadas passadas, o registro da memória coletiva dependia de grandes grupos que concentravam as possibilidades de arquivamento e distribuição, hoje a internet emerge como espaço em que todos se configuram como consumidores e produtores de conteúdos em potencial.

Movimentos sociais de diferentes naturezas tem utilizado as redes sociais para garantir a comunicação com suas bases e a circularidade de suas agendas. Ocorre que diferente de matrizes físicas, ou de processos de conservação dos conteúdos midiáticos, a preservação dos conteúdos digitais fica a cargo das empresas que detêm as redes sociais e assim como aconteceu no fim do Orkut, em setembro e 2014.

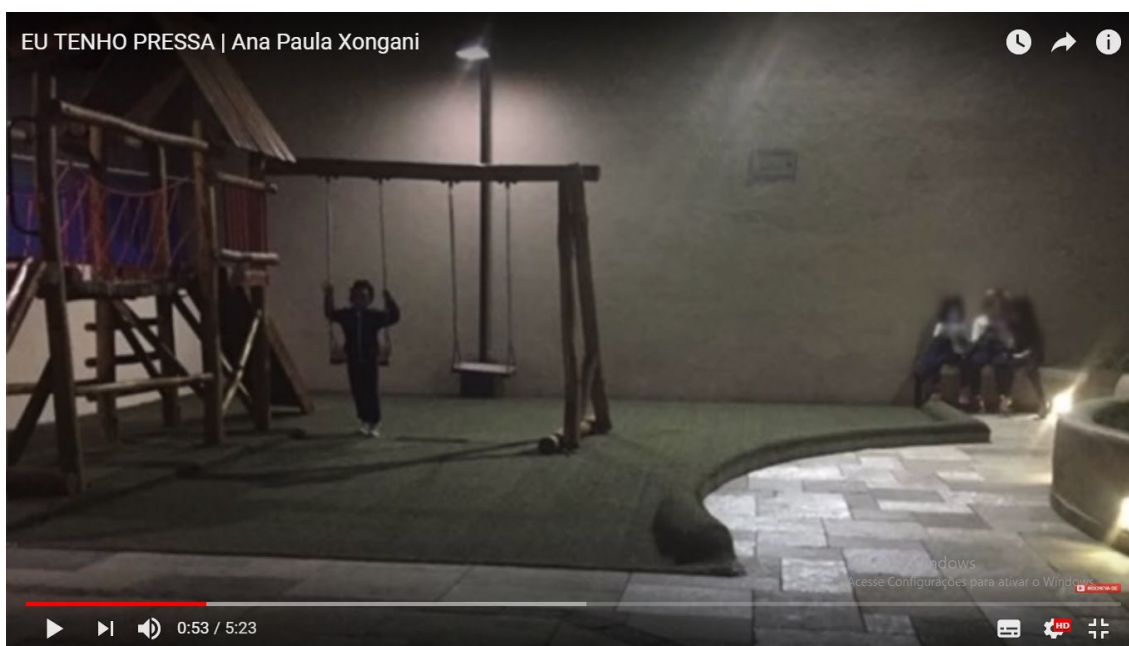
(...) a tecnologia, que sempre contribuiu para a fixação material de momentos importantes da ação social desde a pintura rupestre, os papiros e os pergaminhos até a imprensa, o disco, o cinema e o ship eletrônico, atualmente fragiliza, no complexo jogo entre o concreto e virtual, a preservação da memória social. (DODEBEI, 2012)

A crescente demanda por registros por meio do digital cria um cenário de instabilidade na construção desta memória, que fica submetida às condições de armazenamento apresentada pelas plataformas e a diversos componentes do meio, como os algoritmos e o uso de bots.

Estudo de caso: conversações e registro de experiências

No vídeo utilizado como base deste artigo, “*A solidão da mulher negra - EU TENHO PRESSA*”⁹, apresentado por Ana Paula Xongani, a youtuber fala sobre a solidão da mulher negra a partir de uma experiência pessoal. Em pouco mais de 5 minutos, Xongani narra o ocorrido.

“É muito triste ver a sua filha sendo rejeitada! Mesmo antes de dizer ‘Olá!’. Ela chega perto e todas correm, ela se aproxima, e todas as outras se agrupam, ela chama e ninguém responde. Isolam-na, excluem-na, machucam-na (...) O racismo é aprendido pelas estruturas e reproduzido pelos pequenos de forma assustadora”, analisou. “Ela não entende, mas sente. Não reclama, mas entristece. Meu coração parte!”¹⁰



A YouTuber registrou o momento do caso narrado no vídeo, em que sua filha brinca sozinha num balanço afastada das outras meninas.

⁹ Vídeo disponível no link: <https://www.youtube.com/watch?v=5fBhjPzXNi4>

¹⁰ Trecho da carta aberta divulgada no Facebook pela Youtuber. Disponível em: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=1730486097042759&set=a.143677239056994&type=3&theater>

O registro do momento apresenta diversas funções. Se constitui como a denúncia de um racismo estrutural, que permeia até mesmo a infância, mas, por outro lado, se apresenta como forma de resistência e reivindicação de um espaço na disputa das narrativas a partir do compartilhamento da experiência. Na sessão de comentários era possível observar palavras e apoio e até mesmo pessoas que já haviam sofrido situações parecidas. O vídeo suscitou um amplo debate em torno da temática, tornando-se o tópico no qual a conversa se desenrolava. Usuárias e usuários da plataforma narravam suas experiências e prestavam solidariedade à Xongani.

É curioso o fato de que nos 1065 comentários, apurados até o dia 26/11/2018, não houve reação hostil ao relato. Entre os temas, racismo na infância, racismo estrutural, colorismo, privilégio branco entre diversas outras.

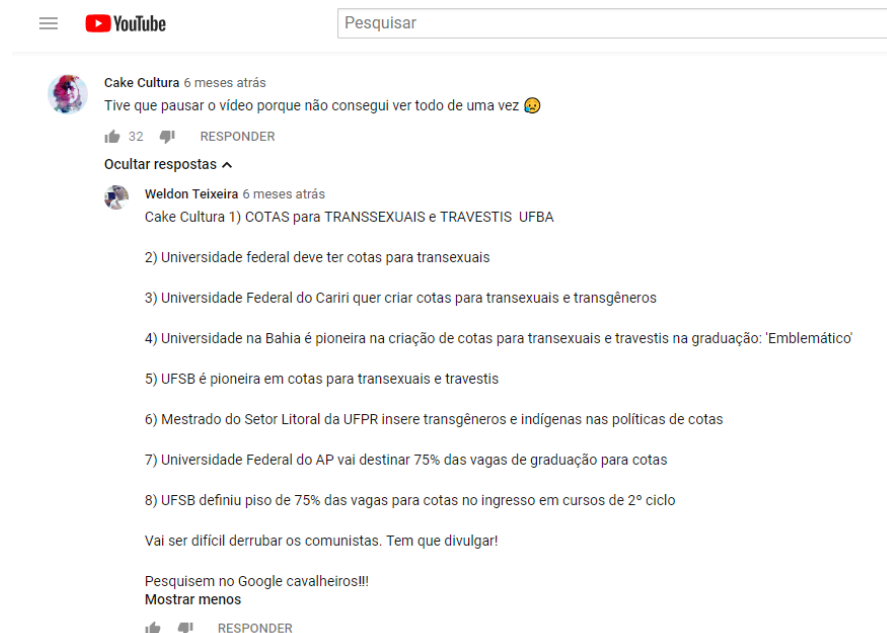
É interessante destacar que apesar do nome “rede” ser usado de forma recorrente, a discussão nos comentários é semelhante ao modelo rizomático e a partir dos grandes tópicos, micro conversas se formam.

“Num rizoma, ao contrário, cada traço não remete necessariamente a um traço lingüístico: cadeias semióticas de toda natureza são aí conectadas a modos de codificação muito diversos, cadeias biológicas, políticas, econômicas, etc., colocando em jogo não somente regimes de signos diferentes, mas também estatutos de estados de coisas. Os *“Agenciamentos coletivos de enunciação* funcionam, com efeito, diretamente nos *agenciamentos maquínicos*, e não se pode estabelecer um corte radical entre os regimes de signos e seus objetos. (DELEUZE, GUATTARI, 2000, p14)



Print de parte do diálogo apresentado na plataforma

Pode-se dizer, ainda, que dentro dos comentários novos tópicos de discussão eram criados e como algo característico do ambiente e rede, o espaço era utilizado para abordar temáticas distantes da proposta inicial.



De racismo à cotas trans. Apesar da existência de um tópico específico, muitas vezes o curso da discussão é alterado. Neste caso em questão, usuários se manifestaram e pediram respeito à temática inicial.

Diferente de outros ambientes para conversação em rede, o espaço foi utilizado como espécie de canal para propor o compartilhamento de experiências relacionadas a questões raciais. Com isso, outras agendas pareciam deslocadas e eram suprimidas.

Considerações finais

Diferentemente de um ambiente de conversa em rede hierarquicamente igualitário, o vídeo em questão criou um tópico no qual outras conversas se formavam. O registro e, principalmente, a possibilidade de recuperação dos conteúdos pelo registro criam um novo contexto de formação de uma memória e de uma história negra constituindo assim uma memória coletiva pautada pela troca de experiências e, principalmente, violências.

Mesmo havendo o devido registro dessas vivências, um problema se anuncia. O domínio destas informações faz parte do banco de dados de grandes empresas. Assim como o ocorrido com o Orkut, uma vez encerrada a atividade da plataforma, todos esses registros e vivências também se perdem.

REFERÊNCIAS

DODEBEI, Vera. Cultura Digital: novo sentido e significado de documento para a memória social?. Revista de Ciência da Informação, Rio Grande do Sul, v. 12, n. 2, 04./nov. 2018. Disponível em:
<http://www.brapi.inf.br/_repositorio/2011/04/pdf_15b7c5a842_0016272.pdf>. Acesso em: 23 nov. 2018.

HALL, Stuart. Da diáspora: Identidades e mediações culturais. 1 ed. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

HELLER, Agnes. O cotidiano e a história. 8 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

III FÓRUM DE PESQUISA CIENTÍFICA EM ARTE. Influência recíproca entre arte e tecnologia. Disponível em:
<http://www.embap.pr.gov.br/arquivos/file/anais3/jose_mikosz.pdf>. Acesso em: 02 out. 2018.

MORAES, Denis. A batalha da mídia: Governos progressistas e políticas de comunicação na america latina e outros ensaios. Rio de janeiro: Pão e Rosas, 2009.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. Nem preto nem branco, muito pelo contrário: Cor e raça na sociabilidade brasileira. 1 ed. São Paulo: Claroenigma, 2012.

DAVIS, Angela. Mulher, raça e classe. 1 ed. São Paulo: Boi Tempo, 2016. 15-41 p

SODRÉ, Muniz. Claros e Escuros: Identidade, povo e mídia no Brasil, Petrópolis: Vozes, 1999.

FREYRE, Gilberto. Casa-grande & senzala. 32. ed. Rio de Janeiro: Record, 1997.

NINA RODRIGUES, Raimundo. Os africanos no Brasil, São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1977.